

A percepção de jornalistas sobre as mudanças climáticas: um estudo inicial no jornal *Gazeta do Povo*

*The perception of journalists on climate change:
an initial study in the newspaper Gazeta do Povo*

*La percepción de los periodistas sobre el cambio climático:
un estudio inicial en el periódico Gazeta do Povo*

Eloisa BELING LOOSE
Myrian Regina DEL VECCHIO DE LIMA

Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación
N.º 129, agosto - noviembre 2015 (Sección Ensayo, pp. 285-300)
ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X
Ecuador: CIESPAL
Recibido: 30-06-2015 / Aprobado: 26-01-2016

Resumo:

Este texto busca averiguar como os jornalistas do maior jornal do estado do Paraná (região Sul do Brasil), a *Gazeta do Povo*, percebem, no âmbito de suas rotinas produtivas diárias, o tema das mudanças climáticas e seus eventuais riscos. Tem como objetivo verificar como a produção noticiosa sobre a questão é entendida pelos jornalistas responsáveis por redigir ou editar notícias sobre as alterações do clima no contexto de um jornal regional/local. Entre as conclusões, observou-se que há uma compreensão, por parte dos jornalistas, sobre a relevância de abordagem do tema pela mídia, embora a lógica das rotinas de cobertura e a complexidade do tema não permitam um aprofundamento maior, em especial em relação aos riscos inerentes ao fenômeno ambiental.

Palavras-chave: mudanças climáticas; jornalistas; cobertura jornalística; percepções.

Abstract:

This text seeks to determine how journalists of the largest Paraná (southern Brazil) newspaper, *Gazeta do Povo*, perceive, within its daily production routines, the subject of climate change and its possible risks. This paper aims to verify how the news production on the issue is understood by journalists responsible for writing or editing news on climate change in the context of a regional/local newspaper. Among the findings, it was observed that there is an understanding, by journalists, about the relevance of media approach to the subject, although the logic of coverage routines and the complexity of the issue do not allow further deepening, especially in relation to risks inherent in the environmental phenomenon.

Keywords: climate change; journalists; news coverage; perceptions.

Resumen:

Este texto pretende conocer cómo los periodistas del periódico más grande de Paraná (sur de Brasil), *Gazeta do Povo*, perciben, dentro de sus rutinas de producción el tema del cambio climático y sus posibles riesgos. Busca verificar cómo la producción de noticias sobre el tema es entendido por los periodistas responsables de la escritura o edición de noticias sobre el cambio climático en el contexto de un periódico regional/local. Entre las conclusiones, se observó que existe una comprensión, por parte de los periodistas, sobre la relevancia de que tiene un abordaje al tema por los medios de comunicación, a pesar de que la lógica de las rutinas noticiosas y la complejidad de la cuestión no permitan mayor profundización, especialmente en relación con los riesgos inherentes al fenómeno ambiental.

Palabras clave: cambio climático; periodistas; cobertura de noticias; percepciones.

1. Introdução¹

Este trabalho apresenta os resultados iniciais da pesquisa de doutorado de uma das autoras voltada para o estudo das percepções de risco de diferentes atores sociais que estão envolvidos no circuito da notícia (fontes de informação, jornalistas e leitores) sobre as mudanças climáticas (doravante MCs). O recorte exposto dá ênfase para as percepções dos jornalistas da *Gazeta do Povo*, um diário local/regional brasileiro escolhido em razão de seu papel enquanto mobilizador de discussões locais e potencializador de governança climática. A fim de tentar compreender como os jornalistas entendem e observam o assunto no âmbito da sua profissão e rotinas diárias, perguntou-se: 1) Qual a importância do tema MCs no rol de assuntos do jornal? 2) Quando o assunto MCs pode se tornar pauta na *Gazeta do Povo*? 3) Quais as principais dificuldades para cobrir este tema? 4) Quais são os enfoques mais recorrentes do jornal quando se fala em MCs? Por quê? e 5) Qual sua opinião sobre o papel da imprensa e o enfrentamento dos riscos climáticos?

Foram entrevistados os nove jornalistas que participaram das matérias sobre mudanças do clima publicadas em 2013, seja como repórteres, seja como editores. Menciona-se que há poucos estudos brasileiros preocupados em saber como as alterações climáticas preocupam ou interessam os produtores das notícias, mesmo sendo os jornalistas, como mediadores sociais, peça fundamental (embora não única, já que estão inseridos em um processo midiático e social mais amplo) na representação da realidade que é apresentada ao público. Carvalho, Pereira & Cabecinhas (2011, p. 148) ratificam que “[...] falta investigação que se debruce sobre os próprios jornalistas e seus modos de pensar e funcionar”.

Neste sentido, tal estudo se insere em uma linha de reflexões do campo jornalístico e busca analisar como o sujeito produtor midiático percebe sua própria prática. Para Fígaro (2013, p.13), “[...] ao se observar o mundo do trabalho do jornalista, a partir de sua fala sobre a atividade de trabalho [...] compreenderemos os problemas, os desafios e as tendências do seu exercício profissional”, bem como suas repercussões na sociedade. Assim, esta pesquisa observou as atividades de redação no jornal citado e ouviu quem trabalha, aqui particularmente com o tema das MCs, para entender como escolhas feitas no âmbito das rotinas específicas no campo jornalístico são percebidas por seus próprios atores.

Parte-se de uma discussão teórica sobre como os jornalistas que noticiam as MCs percebem e tratam o tema em diferentes países (Brüggemann & Engesser, 2014; ISER, 2008; Wilson, 2000) e, na sequência, a atenção volta-se para o cenário brasileiro, onde foram realizadas nove entrevistas com os jornalistas do já citado jornal que trabalharam com o tema no ano de 2013.

1 A primeira versão deste texto foi apresentada no I Seminário Internacional Resclima, realizado em Santiago de Compostela, em dezembro de 2014.

As respostas das entrevistas foram analisadas qualitativamente a partir de uma comparação e posterior criação de categorias temáticas (inspiradas no trabalho feito por Carvalho & Pereira, 2011). As entrevistas, com questões semiestruturadas, permitiram identificar a forma de compreensão dos jornalistas sobre os riscos das MCs e o que eles entendem ser o papel da imprensa em relação a esse tema. Foi possível também checar as dificuldades para se realizar a cobertura do tema e a maneira pela qual os jornalistas avaliam os enfoques e espaço dedicado às alterações do clima no âmbito do jornal.

2. As mudanças climáticas pela ótica dos jornalistas

A maneira pela qual as notícias são construídas é resultado de um complexo processo sociocultural e político-econômico no qual subjetividades se fazem presentes. A notícia não é reflexo imediato da realidade, e sim fruto de uma construção simbólica que envolve escolhas e concepções de mundo não apenas dos jornalistas, mas também da organização para qual trabalham e das fontes de informação que entrevistam.

Em razão da abundância de acontecimentos, da escassez do tempo e de equipes cada vez mais enxutas, a “rotina do esperado” (Tuchman, 1983) permite prever as notícias que virão. Os eventos pré-programados e a facilitação de acesso resultante da expansão de atividade dos assessores de imprensa, permite que boa quantidade das pautas do dia seja pensada anteriormente, a partir da organização do jornal e do próprio grupo de pautas a cumprir pelo jornalista. Assim, além de saber lidar com o inesperado ou os acontecimentos de última hora, os profissionais precisam estar atentos àqueles fatos que já foram anunciados.

Ao considerar o cotidiano da prática jornalística, nota-se que o papel do profissional é limitado. De qualquer forma, aqueles que procuram e selecionam as fontes, e escolhem o que expor e ocultar dos seus relatos detém parte da responsabilidade sobre a representação dos fatos que estão disseminando por meio dos veículos de comunicação. Sob esta perspectiva, buscou-se entender como tais profissionais percebem o tema das MCs no interior das práticas da redação e analisam as dificuldades e a relevância de sua cobertura.

Como os sujeitos produtores da notícia lidam com a temática e a sua autorreflexão sobre a prática são questões pouco investigadas. Alguns países, como Alemanha e Reino Unido, já se debruçaram sobre os jornalistas que cobrem as MCs, fundamentalmente porque são vistos como mediadores entre o campo científico e a esfera pública. É válido lembrar que sem a cobertura da mídia, onde se insere o jornalismo, “as possibilidades que um problema prévio possa entrar numa arena de discurso público ou se tornar parte do processo político são bastante reduzidas” (Hannigan, 2009, p. 121). De outro modo, cresce o interesse grande em saber como os jornalistas percebem as alterações do clima e a própria construção das notícias sobre o tema, visto que há diferentes

percepções entre os cientistas, os políticos, os ambientalistas e aquilo que acaba sendo veiculado pela imprensa.

O papel dos jornalistas na construção destas notícias acaba por influenciar o modo com que um público mais amplo e não especializado em climatologia ou outras especialidades relacionadas ao fenômeno acaba percebendo esta questão. Boykoff & Boykoff (2004) assinalam que a regra do equilíbrio ou balanço informativo (dar o mesmo espaço para os dois lados da questão) acaba prejudicando a percepção do público sobre a questão climática, já que a minoria 'climacética' divide de igual maneira o espaço com a maioria dos cientistas que concordam com as mudanças aceleradas do clima nos últimos anos e a responsabilidade humana sobre tal processo. Ainda que esta constatação seja prevalente nos países de língua inglesa, o conflito entre estas duas correntes também surge em outros lugares, tendo em vista que a disputa também é um valor-notícia levado em conta na escolha do que publicar ou não em um jornal. Ou seja, os destaques dados pela imprensa a determinados aspectos do fenômeno podem gerar debates e representações muito diferentes daqueles que se situam nos campos político e científico, por exemplo.

Brüggemann & Engesser (2014) indagaram jornalistas da Alemanha, Suíça, Índia, Reino Unido e Estados Unidos, de veículos com perfis diversos, e notaram, que, embora eles se encontrem em realidades diferentes, partilham da ideia de que as MCs são de caráter antropogênico, conforme o consenso científico existente a partir dos cientistas que compõem o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês). Os autores ainda apontam, dentre outros resultados, que a atitude dos jornalistas em relação ao tema está atrelada às fontes hegemônicas, sendo que a comunidade interpretativa sobre o tema é partilhada com as mesmas. Ou seja, a interpretação dos jornalistas a respeito do tema está entrelaçada com aquilo que as fontes de informação consultadas por ele afirmam.

No mesmo sentido, a pesquisa de Wilson (2000) destaca que o hábito de procurar informações em outros veículos de comunicação pode ser um desencadeador de desinformação ou falta de precisão a respeito do assunto, já que seus resultados indicam que os jornais são a fonte de informação dominante dos repórteres –este fenômeno de pesquisa de fontes se acentua com a expansão de informações disponibilizadas atualmente na esfera digital *online*. Wilson (2000) buscou saber o quanto os jornalistas que cobrem o meio ambiente da Society of Environmental Journalists dominavam o tema das MCs, verificando, dentre outros aspectos, que o nível de conhecimento sobre o assunto varia conforme o uso das fontes científicas e o tipo de contrato de trabalho (se é de tempo integral ou não).

O autor concluiu que, mesmo sendo um grupo propenso a conhecer mais sobre o tema, há desconhecimento e/ou confusão em relação à ciência básica do clima e do próprio debate científico. Também revelou ainda que muitos jornalistas subestimaram o consenso científico (fato que pode estar atrelado aos jor-

nais como primeira fonte de informação) e utilizaram termos com significados diferentes como sinônimos (efeito estufa e aquecimento global, por exemplo).

A análise a seguir retrata as concepções de jornalistas de uma mesma organização, que abordaram o tema em um período temporal delimitado, o ano de 2013. Além disso, em função de ser um estudo com fortes ligações com o espaço local e atrelado ao tema específico das MCs, exige certos cuidados em termos de comparação.

No Brasil, a carência por estudos sobre jornalismo e MCs ainda é grande e, quando esforços individuais de pesquisa, por meio de monografias, dissertações e teses, se debruçam sobre o tema, a ênfase continua sendo sobre a análise dos produtos, especialmente os impressos (Moraes, 2015; Vivarta, 2010; Zoccoli-Carneiro, 2008). É neste sentido que se justifica a investigação sobre os profissionais da imprensa atrelados a esta temática específica. A pesquisa “O que as lideranças brasileiras pensam sobre mudanças climáticas e o engajamento do Brasil” (ISER, 2008) foi a única encontrada até o fechamento deste texto sobre as percepções de jornalistas, embora tenha se focado em lideranças do setor e analisado estas opiniões comparativamente com as de outras instituições (empresas, governo, academia, ONGs, etc.).

Nesta investigação, foi notado que a mídia foi um dos setores que mais fracamente se posicionou em termos de consciência e engajamento com o enfrentamento das MCs, ficando somente atrás dos parlamentares. Para os entrevistados, é preciso que o Estado se engaje para que o tema possa ser adequadamente percebido por quem decide e enfrentado. Dessa maneira, a pesquisa aponta que mesmo reconhecendo o papel de formador de opinião, os comunicadores se percebem apenas como caixa de ressonância –ainda limitados em razão da lógica do noticiário (ISER, 2008).

Estas considerações dão pistas de que a função social do jornalista ainda está desajustada com a urgência dos problemas ambientais contemporâneos. O recorte proposto busca compreender a lógica dos produtores de um jornal local, justamente por considerar que é por meio dele que a população pode mais facilmente se mobilizar, tendo em vista que os fatos contados são próximos de sua realidade.

3. O que pensam os jornalistas da *Gazeta do Povo* sobre o tema

Ao partir do pressuposto de que a compreensão sobre MCs dos jornalistas interfere, em algum grau, na forma como ele constrói a notícia sobre a temática (quem busca como fonte, quais termos utiliza, o que prioriza, o que releva, etc.) foram entrevistados os jornalistas da *Gazeta do Povo*. A escolha do jornal está vinculada à preocupação com o enfrentamento e engajamento da questão em âmbito local. Dessa forma, localizaram-se todos os profissionais que durante o ano de 2013 assinaram notícia sobre o assunto, além dos editores que se

envolveram com pautas atreladas ao tema e foram identificados no período da observação participante (setembro a novembro de 2013). Esta etapa foi realizada nos meses em que ocorreram as divulgações dos relatórios do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas e do IPCC, e a realização da COP-19 a fim de ver como as coberturas destes eventos programados ligados ao clima seriam percebidas e trabalhadas pelos jornalistas.

As nove entrevistas² foram feitas no começo do ano de 2014 –sete presenciais e duas via Skype. Elas foram gravadas e posteriormente transcritas. A análise de cunho qualitativo se deu a partir de uma comparação sistemática das respostas, seguida da criação de categorias temáticas, que buscam evidenciar os aspectos das falas que se repetem. A intenção é reter elementos que permitam elucidar a forma como os produtores da notícia percebem e tratam o tema no decorrer de sua rotina. Neste texto, em função da limitação de espaço para as análises, dedica-se apenas a alguns dos aspectos do roteiro.

3.1 Relevância do tema

Acredita-se que o interesse pessoal de cada profissional da imprensa por determinado tema também é capaz de fomentar pautas sobre este assunto, na medida em que aquilo que é publicado no jornal é fruto de uma discussão e negociação que envolve os valores de noticiabilidade do fato, o espaço disponível na edição daquele dia, a disposição de recursos para cobrir determinado acontecimento, a linha editorial do veículo e, entre outros fatores, as competências individuais de cada jornalista (seja no acesso às fontes, seja no domínio do tema). As reuniões de pautas, onde se dá início da produção da notícia, costumam revelar certas preferências por dados “nichos”, já que os jornalistas são continuamente instigados a propor novas pautas e acabam observando com mais cuidado aquilo que lhes chama a atenção.

A oportunidade de acompanhar algumas reuniões de pauta do jornal permitiu verificar como os jornalistas se manifestam e propõem pautas, não sendo constatada uma grande preocupação com pautas ambientais, de forma geral. É preciso esclarecer, contudo, que a setorista de meio ambiente costumava debater suas pautas individualmente com o editor, o que favorece a não discussão do assunto nessas reuniões.

Nas entrevistas foi questionado, dentro do rol de assuntos que a *Gazeta do Povo* cobre diariamente, qual a importância que atribuíam ao tema das mudanças climáticas no jornal. Dos nove respondentes, sete afirmaram que o tema é relevante e tem bom espaço dentro do jornal:

J1 – [...] eu acho que o tema tem bastante espaço aqui no jornal e até na mídia de forma geral, na imprensa, porque é um assunto que afeta diretamente as pessoas. As pessoas, às vezes, podem não entender aquela coisa do conceito

2 Assinala-se que os respondentes não são identificados a fim de cumprir com o anonimato previsto nesta pesquisa.

do que é aquecimento global, efeito estufa, tudo isso, mas elas estão envolvidas diretamente quando existe uma enchente, um vendaval e alaga toda a casa dela ou a gente sai aqui, em pleno inverno, e está morrendo de calor... Então acho que, por ser algo que afeta diretamente a vida das pessoas, ele tá bastante presente na cobertura diária.

J2 – [...] acho que o jornalismo está cada vez mais se preocupando com a questão de meio ambiente [...] porque o ser humano como um todo destruiu o ambiente, então, acho que agora caiu a ficha de que é importante a gente divulgar esses novos fatos pra conscientizar a população mesmo.

Percebe-se que o tema das mudanças do clima está bastante atrelado ao seu aspecto ambiental, como já havia identificado Vivarta (2010) em pesquisa realizada nos jornais brasileiros que cobrem o tema. Os jornalistas foram indagados sobre as MCs, mas acabaram ampliando suas respostas e tocando em uma série de problemas ambientais. O fato de esse diário ter no ano da investigação (2013) uma página semanal dedicada ao Meio Ambiente, onde muitas das matérias sobre o tema eram publicadas, reforça essa ideia.

Interessante notar também como a temática é vinculada por J1 às anomalias e variações repentinas de clima, mesmo isso não sendo reportado com frequência pelo jornal em estudo. Em análise sobre os enquadramentos das notícias sobre o tema neste jornal (Loose, Lima & Carvalho, 2014) foi identificado que o viés predominante, no sentido amplo, foi o científico, sendo o enfoque dos desastres bastante limitado; de forma mais específica, o enquadramento dos riscos é o mais acionado, geralmente, atrelado a efeitos negativos globais –e não a manifestações locais. Assim, o jornalista aponta uma conexão do fenômeno com a realidade local das pessoas, mas não percebe que a organização jornalística da qual faz parte é bastante limitada neste tipo de abordagem.

Além disso, ao afirmar que é possível associar o fenômeno das MCs com qualquer evento ou anomalia do clima, verifica-se que há um desconhecimento do sujeito, pois há outros fatores que, independentemente do maior volume de emissões de gases de efeito estufa, acarretam vendavais ou inundações, por exemplo. A tentativa de aproximação do local com o global é bem-vinda, mas não deve ser feita intuitivamente. Por fim, vale chamar atenção que, diferente da maioria, dois jornalistas mostraram visões contrárias, assinalando a pouca relevância que veem no tema.

J4 – Não é um assunto de grande notoriedade, não está na pauta do dia a dia e entra geralmente quando há algum fato científico [...] Muitas vezes, mesmo quando há um relatório importante na área, não vira uma grande notícia, tem uma abordagem secundária. [...] não aparece como um assunto propriamente, com uma grande urgência; [...] não é um assunto de curto prazo e o jornal tem um foco de curto prazo, até médio prazo dependendo da editoria, isso não é só o jornal, é na mídia de maneira geral.

J5 – Eu vejo o tema MCs sendo apresentado na Gazeta de forma bem pontual, assim, como outros assuntos que tiveram picos, sabe? [...] Você nota que determinadas matérias, depois de um determinado pico, eles acabam não atraindo, você vai lá, se esforça, faz uma matéria legal e não dá leitura; [...] a mudança climática entra na cobertura ou quando há um momento, uma coisa pontual, um evento ou alguma coisa assim, ou quando você consegue achar um gancho que tire ela daquela regularidade de cobertura.

Ressalta-se que estes jornalistas, em comparação com os demais entrevistados, trabalham mais proximamente do tema e possuem cerca de dez anos de profissão no jornal, portanto, acompanham há mais tempo esta questão no âmbito da empresa. Embora os motivos pela falta de interesse em relação ao tema sejam diferentes, é possível relacionar a dificuldade de atrair o leitor mencionada por J5 ao fato de a sociedade, de forma geral, compreender que este tema não precisa ser resolvido agora porque envolve outras gerações, apontado por J4. Como o jornalismo lida com a novidade e a efemeridade, as MCs parecem não se encaixar tão facilmente nos valores de noticiabilidade do jornalismo, apesar da repercussão na esfera pública mundial sobre o tema.

Pode-se especular também sobre o fato de que os efeitos das mudanças climáticas ainda não são visíveis na região/local em estudo, sendo uma questão intangível para a maioria da população, o que pode levar à falta de percepção real das pessoas sobre seus possíveis efeitos e riscos. Se em nível global já é difícil compreender um fenômeno invisível aos nossos olhos, em nível local essa abstração torna-se uma barreira ainda maior.

3.2 Quando as MCs entram na pauta

Identificar quando o tema das mudanças climáticas acaba tornando-se notícia não é difícil nesta investigação. De forma unânime, os nove profissionais entrevistados citaram os novos estudos, pesquisas e relatórios científicos, assim como os encontros políticos para discutir acordos internacionais sobre o clima (como as COPs) como principais desencadeadores de notícias. Além disso, foram mencionados “a criação de fatos ambientais” por fontes governamentais ou não governamentais, os desastres e anomalias climáticas, e as datas comemorativas.

A pergunta também fez os jornalistas refletirem porque o assunto não aparece mais no jornal em estudo:

J6 – Nós temos que ter um gancho pra falar dos assuntos às vezes... assim: não dá pra condicionar a ter um fato pra desencadear a pauta, mas, se tiver, essa pauta vai entrar com mais facilidade na agenda do jornal. Então se tiver uma pesquisa que me fale de MCs [...] vai ser muito mais fácil entrar na agenda do jornal.

J4 – Geralmente o fato gerador da cobertura ligado a MCs é um tipo de relatório ou dado que é internacional, raramente acontece um fato nacional e, se for nacional, ele não vai ser no Paraná, que é onde está nossa área de cobertura.

Como o jornal tem abrangência regional/local, os assuntos globais possuem espaço mais limitado e nem sempre são cobertos por profissionais da redação, já que os contratos com as agências de notícias permitem que o jornal obtenha a informação nacional/internacional de maneira rápida e com baixo custo. Um dos respondentes (J7) até comentou que o tema é pautado no Brasil a partir do exterior: “É curioso isso porque o Brasil tem uma imensa floresta, que todos os países estão de olho, e os assuntos vêm de fora; instituições ligadas às Nações Unidas, instituições independentes, esses atores trazem o gancho da matéria para a gente”.

Aqui novamente aparece a questão da intangibilidade do fenômeno no âmbito local/regional, embora o tema de que se fala tenha diversas possibilidades de produção de textos jornalísticos conectados com o local (políticas públicas locais para enfrentamento de riscos decorrentes das MCs; possível relacionamento entre eventos climáticos extremos e mudanças climáticas; pesquisas científicas em andamento em universidades locais/regionais; providências empresariais em relação à redução de emissões agravadoras do aquecimento climático, etc.). Contudo, tais percepções também não são evidentes para quem não é especialista ou conhecedor da área³, coincidindo com os apontamentos de Wilson (2000) de que jornalistas que cobrem apenas uma área – os especializados – tendem a realizar pautas mais profundas e instigantes por conhecerem previamente as questões debatidas sobre aquele assunto.

3.3 Dificuldades na cobertura

O que torna difícil construir uma notícia sobre MCs? Ao contrário do que se esperava o acesso às fontes científicas, principais informantes sobre o tema, não foi posto como um empecilho para a maioria dos jornalistas. Apenas um deles mencionou a dificuldade de se encontrar especialistas locais, justamente aquele com menos experiência na atividade profissional e outro respondente falou em selecionar uma boa fonte (mas explicou que isso se aplicava a qualquer assunto). Nesse quesito, a internet é citada como uma tecnologia que permitiu encontrar e contatar os pesquisadores nacionais e internacionais de forma mais rápida.

O que os jornalistas entrevistados destacam como dificuldade, enquanto generalistas, é a compreensão de termos técnicos e a falta de conhecimentos para o aprofundamento do tema, o que, mais uma vez, remete este tipo de cobertura às dificuldades relativas à cobertura de ciência, de um modo geral. Um dos jornalistas deles afirmou que precisa de tempo para ler sobre o assunto antes de fazer uma reportagem, algo que, em razão da dinâmica das redações e do pouco pessoal, nem sempre é o suficiente. J4, um jornalista mais experiente, explica o que, a seu ver, compromete a cobertura:

³ Dentre os profissionais entrevistados, nenhum se considerou especializado na questão, nem mesmo o setorista de meio ambiente.

[...] o grande problema é a formação do jornalista pra lidar com o assunto que é de um grau de complexidade alta. Como ele não aparece todos os dias no jornal, o jornalista que vai lidar uma vez, de vez em quando com o assunto, vai ter dificuldade de entender os critérios dos relatórios do IPCC, as margens que eles usam [...].

A falta de profissionais especializados reflete-se, muitas vezes, na superficialidade da notícia. Tal aspecto é ratificado na percepção de grande parte dos respondentes. A linguagem não é vista como barreira, mas a “tradução” (do que a discussão política-científica representa para o cotidiano do leitor) foi citada por J5:

[...] traduzir pro leitor a ponto de conseguir convencê-lo da importância disso. [...] toda vez que você fala alguma coisa que envolve planejamento, que envolve riscos futuros, parece uma coisa ‘ah, não vai acontecer comigo não’. [...] Mudança climática então: ‘não é pra minha geração, nem pros meus filhos, nem pros meus netos’. Então, traduzir, conseguir demonstrar a importância é muito difícil.

De uma maneira geral, detecta-se nas falas dos respondentes a ausência de proximidade com as especificidades do tema, já que todos eles cobrem o assunto de forma esporádica. Esse distanciamento de um tema, com várias facetas passíveis de abordagem e cercado de complexidade, reflete fragilidades em termos de sugestões, enfoques e questionamentos na produção jornalística, o que resulta em matérias “sempre iguais”, como identificado por J7:

[...] a gente sempre estava dizendo a mesma coisa, tentando fazer isso de forma diferente, mas nem sempre isso é possível... Talvez a maior dificuldade fosse encontrar abordagens novas que despertassem o interesse do leitor neste assunto. Porque MCs, eu acho que, mais um pouco, vai cair na vala comum daqueles assuntos que as pessoas não se preocupam porque elas receberam uma quantidade de informação imensa e informação sempre igual e elas não se conscientizam, então acabam não dando muita bola...

As falas dos dois últimos jornalistas demonstram uma preocupação com a repetição de enquadramentos dados pela imprensa. Embora percebam que há um problema, no sentido de construir uma matéria que atraia a atenção do leitor, ambos não conseguem apontar soluções para esta questão –seja porque não dispõem de tempo para discutir sobre um tema que aparece de forma eventual, seja porque para tais mudanças de enquadramento ocorrerem o assunto precisaria ser mais estudado.

3.4 Enfoques recorrentes

Como a pergunta apresentada aos jornalistas sobre o enfoque nas matérias sobre MCs foi bastante ampla, as respostas variaram. Há quem atrelasse o enfoque com o gancho jornalístico, justamente seguindo a lógica de noticiabilidade que representa a novidade de um estudo recém lançado ou da factualidade de

uma COP. Houve quem disse que dependia do escopo de cada editoria, que cada uma delas enfocaria a temática de acordo com suas características. Também foram citados os enfoques das perdas na agricultura, da poluição e da própria discussão científica.

Um dos respondentes, J1, discorreu sobre a recorrência centrada nas consequências das MCs, pois “[...] são muito mais visíveis do que a prevenção, e no meio jornalístico a gente tem esse mal, né, de estar com coisas mais palpáveis”. O jornalista disse que não há como escapar das notícias atreladas às tragédias, o que não acontece com notícias ligadas à prevenção, que, para ele, exigem mais conhecimento sobre o tema justamente por não depender de uma fato concreto e sim de uma previsão para o futuro, da articulação de fatores presentes com aspectos que possam vir afetar o cotidiano das pessoas a longo prazo. Kitzinger e Reilly (2002) comprovaram isso em suas pesquisas, notando que a imprensa atua melhor na notícia retrospectiva do que na prospectiva, justamente pelo fato de os jornalistas perceberem, muitas vezes, as previsões e possibilidades de ameaças como especulações - e não fatos. Assim, “[...] riscos potenciais não reportados como ‘estórias de risco’ amenos que os perigos se manifestem de algum modo” (Kitzinger e Reilly 2002, p. 40).

Evidencia-se neste ponto a dificuldade dos jornalistas em trabalhar com notícias distanciadas do factual, do concreto, do acontecimento. Um jornalismo mais voltado à interpretação da realidade em seus múltiplos aspectos, que busque disseminar um conhecimento menos fragmentado sobre determinado tema, e, portanto, mais contextualizado, e que traga em seu bojo aspectos “didáticos” (sem deixar de lado a dinâmica da informação), voltados para boas práticas de prevenção ou participação cidadã em relação às questões socioambientais parece ser algo prescritivo, com poucas possibilidades de se tornar usual no âmbito do jornalismo profissional generalista. Entretanto, os riscos decorrentes de problemas ambientais, como as mudanças climáticas, podem ser enfrentados pela sua prevenção, tomando-se medidas que dificultem sua ocorrência, o que na área ambiental se conhece como princípio da precaução.

3.5 Papel da imprensa

A *Gazeta do Povo* é o jornal com maior circulação no estado do Paraná, especialmente na capital do estado, Curitiba. Pensando na sua influência local, questionou-se aos jornalistas qual era o papel da imprensa no enfrentamento das MCs (se é que achavam que o jornal teria algo a cumprir nesse sentido). Todos afirmaram que a imprensa tinha um papel social, embora as justificativas e alcances fossem diversos. Enquanto J8 se limitou a dizer que o jornal tem relevância porque é fonte de credibilidade, outros jornalistas declararam que o assunto poderia estar mais na pauta, “[...] sem esse enfoque negativo, focado menos nas consequências e mais na prevenção” (J1), e que a função social do jornalismo deve se sobrepor aos interesses do mercado, em uma linha de

pensamento idealista, semelhante a de Traquina (2005), quando coloca em relevância a responsabilidade social do jornalismo nas modernas democracias.

Este entendimento se reproduz também nas falas de J2 e J9, quando afirmaram que é preciso informar e cobrar/ o poder público. A cobrança está associada à ideia, ainda forte no campo jornalístico, de que há um papel enquanto vigilante, um cão de guarda que busca proteger o interesse público diante dos demais poderes instituídos na sociedade. Já o aspecto mais evidente está atrelado a “[...] informar no sentido de os leitores terem uma opinião e essa opinião servir pra mudanças, servir pra exercer uma crítica diante da sociedade”, conforme relatou J5.

A percepção de que a imprensa, além de informar, pode interferir no campo das políticas, seja como fiscalizador, seja como proponente de agendas de discussão, aparece com frequência. J4 afirmou que “[...] a imprensa tem o poder de influenciar políticas públicas”, enquanto J7 sublinhou a ideia de pressão pública ao dizer: “Se a mídia não divulgar isso, não falar desse problema, acho que não são os governantes que vão falar, não...”.

Verificou-se, de forma pontual, a ideia de educar e “mostrar o que está no alcance das pessoas para que elas possam fazer e cuidar do ambiente que a gente tem” (J9). A maioria das respostas está ligada a uma visão macrossocial da situação, compreendendo como responsabilidade do jornal uma apresentação dos problemas às demais esferas –como a política e a institucional–, que deveriam, então, “resolver” a questão.

4. Considerações finais

De acordo com Traquina (2005, p. 201), a teoria interacionista entende as notícias como “resultado de processos de interação social não só entre os jornalistas e as fontes, mas também entre os próprios jornalistas”, como membros de uma comunidade profissional. Este autor também aponta como expressão da cultura jornalística “a sua maneira própria de ver o mundo” (2005, p. 202), o que o leva a reafirmar, assim como vários outros autores já fizeram, que “o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só *sobre o que pensar*, mas também *como pensar*” (2005, p. 203). A partir disso, este texto compartilha a ideia de que ao se deter sobre a “maneira própria de ver o mundo” destes profissionais, especificamente a maneira própria dos jornalistas verem a temática das MCs, é possível compreender como este “modo de ver” que podemos, a grosso modo, chamar de percepção, vai contribuir para a construção do sentido que o público leitor vai ter sobre o tema. Salienta-se que qualquer sentido ou percepção é uma construção que depende de inúmeras outras mediações sociais e culturais, sendo a imprensa um dos elementos-chave (por possuir legitimidade e amplo alcance) que podem interferir nas impressões e opiniões dos cidadãos.

Este estudo mostrou que, sob a perspectiva dos jornalistas da *Gazeta do Povo*, há divergências em relação ao espaço que a temática ocupa no jornal, mesmo que o tema seja considerado relevante por todos os respondentes. MCs é um tema frequentemente associado à questão mais ampla de meio ambiente, no qual os riscos decorrentes dos conflitos sociedade-natureza se fazem presentes de forma constante.

Aqueles que mais trabalham com o tema ou trabalham há mais tempo percebem uma cobertura pontual, enquanto os demais acreditam que já há bastante atenção ao tema. O que desencadeia notícias sobre esse assunto são divulgações de relatórios ou pesquisas científicas, eventos políticos e tragédias climáticas, sendo que o enfoque científico é o mais citado. Estes resultados estão bastante atrelados ao valor-notícia da novidade, em que para um tema emergir na página do jornal é preciso que um fato novo ocorra (um evento político ou a divulgação de um aspecto não conhecido ainda). Já em relação ao enfoque, nota-se que as fontes mais consultadas são as do campo científico, ratificando o que diz Brüggemann e Engesser (2014) a respeito do compartilhamento de uma comunidade interpretativa.

As dificuldades de se cobrir o tema também divergem, conforme a experiência de cada profissional, mas a questão da formação de jornalistas para lidar com temas complexos chama atenção, assim como a questão de como tornar as notícias sobre MCs mais atrativas ao leitor. Nota-se, como pontuado no estudo de Wilson (2000), que os profissionais reconhecem que maior dedicação ao estudo do tema acarretaria melhores notícias.

As concordâncias nas falas dos jornalistas aparecem também quando se referem ao papel da imprensa no enfrentamento dos riscos, ainda que com ângulos diversos. De qualquer modo, informar e estar atento aos projetos do poder (fiscalizá-lo) são funções bastante mencionadas. O resultado coincide, em alguma medida, com a pesquisa do ISER (2008), no qual há o reconhecimento da relevância social da imprensa, mas não se notam ações que extrapolem o que já está dado: a visibilidade intrínseca aos processos midiáticos. Há uma resistência por parte dos jornalistas em se perceberem como sujeitos que podem se engajar na resolução dos problemas ambientais, seja pelas normas profissionais que ensinam isenção e imparcialidade, seja porque não associam a crise ambiental a um interesse público (como já costumam fazer com a corrupção, por exemplo).

Por fim, este trabalho identificou as visões de representantes do campo profissional jornalístico com relação ao fenômeno das MCs, que traz extensos riscos, ainda que pouco perceptíveis em âmbito local, para a sociedade contemporânea. Ainda se pode depreender que uma parte significativa das questões articuladas à produção da notícia está ligada ao tratamento e interpretações colocadas nas notícias sobre ciência e cultura científica em geral, em especial sobre suas relações com a sociedade. Isto se mostra importante porque, muitas vezes, os cidadãos dependem da imprensa –ou daquilo que é divulgado por ela– para perceber os riscos, assim como conhecer suas formas de enfrentamento.

Referências bibliográficas

- Boykoff, M. T. & Boykoff, J. (2004). Balance as bias: Global warming and the US prestige press. *Global Environmental Change*, 14, 125-136.
- Brüggemann, M. & Engesser, S. (2014). Between Consensus and Denial: Climate Journalists as Interpretive Community. *Science Communication*, 36: 399-427.
- Carvalho, A. & Pereira, E. (2011). Estratégias comunicativas dos atores sociais. Em Carvalho, A. (org.) *As alterações climáticas, os media e os cidadãos* (pp.67-102). Coimbra: Grácio Editor.
- Carvalho, A.; Pereira, E. & Cabecinhas, R. (2011). O trabalho de produção jornalística e a mediização das alterações climáticas. Em Carvalho, A. (org.) *As alterações climáticas, os media e os cidadãos* (pp.145-173). Coimbra: Grácio Editor.
- Fíguro, R. (org.) (2013). *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Atlas, 2013.
- Hannigan, J. (2009). *Sociologia ambiental*. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.
- ISER – Instituto de Estudos da Religião. (2008). Pesquisa: *O que as lideranças brasileiras pensam sobre mudanças climáticas e o engajamento do Brasil*. Relatório de pesquisa.
- Kitzinger, J.; Reilly, J. (2002). *Ascensão e queda de notícias de risco*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra.
- Loose, E.; Lima, M. & Carvalho, A. (2014). Estudo dos Enquadramentos sobre Mudanças Climáticas no Jornal Brasileiro *Gazeta do Povo*. Em Pinto-Coelho, Z. & Zagalo, N. *Comunicação e Cultura* (pp. 139-156). Universidade do Minho.
- Moraes, C.H. (2015). *Entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas Veja, Isto É, Época e Carta Capital*. Tese. Doutorado em Comunicação e Informação. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.
- Tuchman, G. (1983). *La producción de la noticia – Estudio sobre la construcción social de la realidad*. Barcelona: Gustavo Gil.
- Vivarta, V. (coord.) (2010). *Mudanças climáticas na imprensa brasileira: uma análise comparativa de 50 jornais nos períodos de julho de 2005 a junho de 2007- julho de 2007 a dezembro de 2008* (Relatório de Pesquisa/2010). Brasília, DF, Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi).
- Wilson, K.M. (2000). Drought, debate, and uncertainty: measuring reporters knowledge and ignorance about climate change, *Public Understand. Sci.*, 9, 1-13.
- Zoccoli-CArneiro, C. M. (2008). *Caos no clima? – Sensacionalismo, comunicação da ciência e a narrativa de O Globo sobre o aquecimento global*. Dissertação. Mestrado em Comunicação. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

